

NOTAS SOBRE A ERÓTICA CONTEMPORÂNEA*

NOTES ON CONTEMPORARY EROTICA

Amadeu de Oliveira Weinmann^{1*}

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre o amor na contemporaneidade, a qual interroga em que medida esse projeto é possível. Assumindo como premissa que o atual transpõe os limites do representável, este trabalho procura contornar o inominável, por meio dos seguintes procedimentos: 1) crítica do tom nostálgico de um discurso corrente sobre o amor na atualidade, 2) exposição de algumas mutações históricas importantes nos discursos amorosos, 3) questionamento dos limites da metapsicologia psicanalítica, no que diz respeito ao tema em foco. No final de seu percurso, o artigo propõe uma abertura para o que ainda não tem lugar na teoria.

Palavras-chave: Amor. Erótica. Contemporaneidade. Psicanálise.

Abstract: This paper proposes a reflection on love in contemporaneity, which questions the extension to which such project is possible. Assuming as a premise that the actual transposes the limits of representable, this work seeks to circumvent the unnameable through the following procedures: 1) the criticism of the nostalgic tone of a current discourse on contemporary love; 2) the exposition of some important historical mutations in the discourses of love; 3) the enquire into the limits of psychoanalytic metapsychology limits with regard to the theme in focus. At the end of its course, the paper proposes an opening for what still has no place in theory.

Keywords: Love. Erotica. Contemporaneity. Psychoanalysis.

^{1*}Psicanalista e professor do PPG em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS. E-mail: weinmann.amadeu@gmail.com

INTRODUÇÃO

**Este artigo lança suas raízes na experiência de orientação da monografia de conclusão de curso de especialização de Larissa Berger (2015), intitulada Amor em tempos de hiperconsumo. No entanto, a perspectiva adotada aqui difere da assumida lá.*

Este artigo possui duas faces: por um lado, consiste na formulação de um problema de pesquisa; por outro, é um convite a possíveis pesquisadores. Antes de tudo, é preciso dizer que ele não decorre de uma revisão bibliográfica extensa e atualizada. Trata-se de um ensaio desprezioso sobre um tema espinhoso: o amor na contemporaneidade. Ele parte de um problema: o que é possível dizer acerca da atualidade? E assume a premissa de que o atual não encontra registro em nosso sistema de representações – e, por esse motivo, o desorganiza¹. A fim de enfrentar esse problema, este artigo dá os seguintes passos: em um primeiro momento, expõe um discurso corrente sobre o amor na atualidade, com o objetivo de apontar seu tom nostálgico. Ato contínuo, mostra

alguns giros nos discursos sobre o amor, ao longo da história do Ocidente, com o intuito de realçar seu caráter mutante. Depois, indica uma possível dificuldade da teoria psicanalítica no que concerne a este tema, decorrente da decomposição da experiência erótica que consiste em seu solo de nascimento. Finalmente, o artigo termina exatamente como começou, ou seja, sem ter o que dizer sobre a erótica contemporânea.

1 AMOR LÍQUIDO

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud (1927/1986a, p. 5) observa:

[...] os seres humanos vivenciam seu presente de um modo ingênuo, sem poder apreciar seus conteúdos; primeiro deveriam tomar distância a respeito dele, isto é, o presente tem de se tornar passado, a fim de que seja possível obter dele pontos de apoio para formular juízos sobre as coisas vindouras.²

Dito de outro modo, “‘a atualidade’ como diferença na história” (FOUCAULT, 2000, p. 341) consiste em um problema para o pensamento. Ela irrompe desorganizando nosso sistema de representações e, portanto, faz uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico. Necessariamente, ela é um tempo sem nome, a despeito das inúmeras tentativas de nomeá-lo: pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade líquida, etc. (MATTUELLA, 2010). Nessa perspectiva, como pensar o amor na atualidade?

Neste artigo, o livro *Amor líquido*, de Zygmunt Bauman, consiste no disparador de uma reflexão sobre o amor na contemporaneidade. No entanto, isso não decorre de suas supostas virtudes. O livro aproxima-se perigosamente da autoajuda. A erudição de seu autor coloca-se a serviço do senso comum – e, paradoxalmente, este é o motivo de sua escolha. *Amor líquido* é porta-voz de uma corrente discursiva a respeito do amor na atualidade, a qual tem de ser escutada, se quisermos compreender algo sobre o tempo em que vivemos. Além disso, essa obra do sociólogo polonês tem por pano de fundo aquele que é seu mais importante trabalho: o livro *Modernidade líquida*, que formula algumas interessantes hipóteses sobre a contemporaneidade.

Em *Amor líquido*, Bauman (2004, p. 7) propõe que o sujeito contemporâneo é um homem sem vínculos:

Desligados, precisam conectar-se... Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia da permanência. De qualquer modo, eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes.

Em uma cultura na qual a satisfação individual consiste em um imperativo, a exigência de renúncia é inadmissível e a descartabilidade torna-se nor-

ma. Isso introduz nos relacionamentos uma ambiguidade incontornável: “se você deseja ‘relacionar-se’, mantenha distância; se quer usufruir do convívio, não assuma nem exija compromissos” (BAUMAN, 2004, p. 10-11). Em vez de relacionar-se, o sujeito contemporâneo conecta-se a redes virtuais: “[...] elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as possibilidades românticas [...] surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior” (BAUMAN, 2004, p. 12). E, se uma conexão se torna inconveniente, “sempre se pode apertar a tecla de deletar” (BAUMAN, 2004, p. 13).

Em tal cenário, os relacionamentos de bolso encarnam a disponibilidade para encontros fugazes. Todavia, eles pressupõem alguns cuidados: “deve-se entrar no relacionamento plenamente consciente e totalmente sóbrio. Lembre-se: nada de ‘amor à primeira vista’ aqui. Nada de *apaixonar-se...*” (BAUMAN, 2004, p. 37). Nada de arrebatamentos, de entregar-se a torrentes emocionais. Relacionamentos de bolso requerem cabeça fria – e o uso de calculadora: “quanto menos investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras” (BAUMAN, 2004, p. 37). Em outras palavras, nunca esqueça a natureza de um relacionamento de bolso: “[...] não deixe que caia do bolso, que é seu lugar” (BAUMAN, 2004, p. 38).

E isso configuraria uma erótica, na qual o sexo em si – o sexo pelo sexo, desvinculado da reprodução e do amor – eleva-se à condição de objetivo supremo. Inspirado em Erich Fromm, Bauman sustenta que tal meta consiste em uma ilusão, isto é, em uma enganosa resposta ao desejo. Movida por um intenso anseio de união, ela fracassa em superar a solidão. Imediatamente após o clímax orgástico, os parceiros retornam a seu isolamento e estão ávidos por novos encontros, em uma curiosa semelhança com a drogadição: “na visão de Fromm, o sexo só pode ser um instrumento de fusão *genuína* – em vez de uma efêmera, dúbia e, em última instância, autodestrutiva *impressão* de fusão – graças a sua conjunção com o amor” (BAUMAN, 2004, p. 64).

Não é objetivo deste artigo realizar uma minuciosa exposição das ideias elaboradas em *Amor líquido*, mas apresentar ao leitor alguns de seus argumentos mais importantes, a fim de deflagrar uma reflexão acerca do amor na atualidade. Se, em *O futuro de uma ilusão*, Freud recomenda que se espere o presente tornar-se passado, a fim de enunciarmos algo sobre o futuro, o procedimento adotado nessa obra de Bauman, assim como em inúmeros outros textos sobre esse tema, é diferente: avalia-se o contemporâneo, no que ele tem de disruptivo, à luz do sistema de representações que temos constituído, isto é, desde uma perspectiva nostálgica. *Ah, como era bom quando os vínculos eram sólidos e o sexo era feito com amor! Bons tempos aqueles em que o outro não era um objeto consumível e imediatamente descartável!* Em contrapartida, este trabalho assume a atualidade no que ela tem de intangível. Porém, isso não implica recuar diante do desafio de dizer algo acerca dela, mas uma redobrada prudência. Com o intuito de realizar uma volta a mais, em torno disso que insiste em não se inscrever, este artigo fará um breve percurso pela história do amor.

2 UMA BREVE HISTÓRIA DO AMOR

2.1 AMOR PLATÔNICO

O *banquete*, de Platão – escrito no início do século IV a.C. –, é um texto fundador da reflexão sobre o amor no Ocidente. Não por acaso, Lacan lhe dedica um extenso comentário, no seminário *A transferência*. No simpósio platônico, os participantes são incitados a discursar em homenagem a Eros. Diz Fedro: “não é estranho [...] que, para outros deuses, poetas tenham composto hinos e louvores, ao passo que a Eros, deus de tanto destaque e brilho, poeta algum, embora numerosos, tenha-se lembrado de render homenagem?” (PLATÃO, 2014, p. 33). Último a falar, Sócrates observa: “louvar significa ornar o assunto com os mais retumbantes atributos, se corretos ou não, pouco importa” (p. 83). Em descontinuidade com os discursos que exaltavam as ações e a natureza de Eros, o filósofo interroga: “Eros deseja e quer o que ele já tem ou deseja e quer o que não tem?” (p. 85). É nesse momento que Sócrates relata o que escutou da sacerdotisa Diotima.

Se Eros deseja o Belo e o Bom, é porque não os possui. No entanto, isso não faz dele feio e mau. Eros não é um deus, nem um mortal: “[...] é um grande dêmôn [...], é intérprete e mensageiro. Leva aos deuses assuntos humanos e traz aos homens instruções divinas” (p. 93). Filho de Pênia (Penúria) e de Poros (Caminho),

[...] vive sempre na penúria, extremamente carente de suavidade e beleza. Contra o que supõe a maioria, Eros é rude, seco. Descalço e sem teto, dorme no chão, ao relento. Por ter herdado a natureza da mãe, perambula às portas, perdido nas ruas, inquilino da miséria. Em compensação, a natureza do pai conferiu-lhe ardor por coisas belas e boas: coragem, decisão, energia. (p. 95).

Eros não é sábio, mas almeja ser: “no território das coisas mais belas está o saber. Eros é desejo voltado ao belo. Já que o filósofo ocupa um lugar entre o saber e a ignorância, é imprescindível que Eros seja filósofo” (p. 95). O Eros platônico deseja a Verdade.

2.2 ÁGAPE OU AMOR CRISTÃO

“O objeto do amor ágape é sempre ímpio, desrazoável, perdoável, capaz de arrependimento, em falta [...] com o mundo, em função do pecado original: é um Ser de culpa” (PEREIRA, 2004, p. 140). Se o Eros de Platão é carente, ainda que voltado para o Belo e o Bom, o Deus do cristianismo é perfeito: “enquanto Eros ama por sua própria falta, o Deus cristão ama pela falta do outro” (PEREIRA, 2004, p. 146)³. Se o Eros platônico é amante da Verdade, isto é, se orienta os homens para o mundo das Ideias, o Deus cristão ama os pecadores, por cuja salvação entrega Seu filho. Se, no amor platônico, a Verdade é amada por sua beleza, no cristão, os homens o são por sua culpa⁴. *A cidade de*

Deus, de Santo Agostinho – livro escrito no início do século V –, é o marco mais importante dessa mutação. Nele, o autor retoma a distinção platônica entre mundo sensível e mundo das Ideias, mas a reorienta a partir da perspectiva cristã, sob a denominação cidade dos homens e cidade de Deus. Nessa obra, o amor ao próximo, mediado pelo amor de Deus, converte-se em um imperativo. Em contrapartida, na concepção platônica o amor do jovem ao filósofo consiste em um meio de buscar a Verdade.

2.3 AMOR CORTÊS

O *Tratado do amor cortês*, de André Capelão – escrito no fim do século XII –, é o mais importante documento sobre o tema. Ele consiste em

[...] uma doutrina do amor, uma verdadeira “summa amatoria”. Mas essa suma codifica de maneira metódica a arte cortês de amar, ou seja, “a arte de amar que não é acessível ao comum dos mortais, o embelezamento do desejo erótico e a disciplina da paixão que (a) constituem”. (BURIDANT, 2000, p. XXXVII).

Essa arte de amar consiste na principal fonte da cortesia. Nela, a dama é suserana e o amante, vassalo. Ele deve servi-la, mesmo não tendo garantia de recompensa. E ela concederá a promessa de seu amor àquele que se mostrar mais virtuoso. E isso porque o amor cortês “[...] não pode ser obtido sem os penares, os sofrimentos e os tormentos que lhe dão valor; o *amor facilis* já não é amor” (p. XL). Ele implica uma permanente tensão, uma vez que seu objeto parece ser inacessível. Nele, o desejo consiste no motor de uma transformação ética⁵.

Mas qual a natureza do *fin’amors*? O *Tratado* informa: “amor é uma paixão natural que nasce da visão da beleza do outro sexo e da lembrança obsedante dessa beleza” (CAPELÃO, 2000, p. 5). Se o amor platônico deseja a Verdade e o cristão, a salvação dos pecadores, o amor cortês deseja o corpo de uma mulher inacessível⁶. Se, em Platão, Eros produz discurso filosófico e, no cristianismo, Ágape engendra discurso religioso, o *fin’amors* gera literatura. Em *O amor e o Ocidente*, Rougemont (1988, p. 62-63) observa:

Já não resta dúvida de que a poesia européia nasceu da poesia dos trovadores do século XII [...]. O poeta conquistou sua *dama* pela beleza de sua homenagem musical. De joelhos, jura eterna fidelidade [...]. Como garantia de amor, a dama oferecia ao seu paladino-poeta um anel de ouro, ordenava-lhe que se levantasse e beijava-lhe a fronte. Doravante, esses amantes estarão unidos pelas leis da *cortesia*.

2.4 AMOR ROMÂNTICO

A constituição da família nuclear burguesa, com sua peculiar divisão sexual do trabalho – homens dedicados à vida pública e mulheres, à privada –, tem como contrapartida a invenção da literatura romântica (a partir do século XVIII, as filhas da burguesia são escolarizadas). Se, em *Ligações perigosas*, de Laclos, e *Anna Karenina*, de Tolstói – publicados, respectivamente, em 1782 e

1877 –, a protagonista é uma aristocrata, *Madame Bovary*, de Flaubert – lançado em 1856 –, é o mais acabado representante do gênero (KEHL, 2008). Mulher pertencente à pequena burguesia provinciana francesa, Emma Bovary combate o tédio por meio de fantasias românticas nutridas pelas leituras de juventude. Retomando os conceitos extraídos de *O banquete*, pode-se dizer que Emma deseja um amante, isto é, um homem para quem ela seja a amada. No entanto, sua posição na fantasia é ativa, ativada que foi pela literatura romântica. A essa mulher dividida, o final do século XIX denomina histórica.

Ao longo do século XX, o ideal romântico de realização pelo amor disseminou-se. Em uma espetacular reviravolta, ele penetrou o próprio matrimônio. Nunca uma sociedade ousara sustentar uma instituição fundamental, como o casamento, em uma base tão instável (GIDDENS, 1993). Nos anos 1960, celebrou-se a união – até esse momento, sempre clandestina – entre paixão e sexo. A partir do fim do século XX, minorias sexuais reivindicaram o direito de também assumir esse ideal⁷. Todavia, o avesso da realização é a frustração. Em algum momento, começamos a cansar de brincar disso, mas já era tarde. Tentar contornar o ideal romântico de realização pelo amor havia caído no campo da psicopatologia⁸.

3 O ADVENTO DE UMA ERÓTICA

Talvez seja possível definir a psicanálise como uma teoria do amor. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/1986b, p. 86-87) observa:

[...] opinamos que na palavra “amor”, com suas múltiplas acepções, a linguagem criou uma síntese inteiramente justificada e não podemos fazer nada melhor do que tomá-la por base de nossas elucidações e exposições científicas. Quando se decidiu a fazê-lo, a psicanálise desencadeou uma tormenta de indignação, como se fosse culpada de uma ultrajante inovação. Porém, sua concepção “ampliada” do amor não é uma criação original. Por sua origem, operação e vínculo com a vida sexual, o *Eros* do filósofo Platão corresponde totalmente com a força amorosa, a libido da psicanálise [...]; e quando o apóstolo Paulo, em sua famosa epístola aos Coríntios, louva o amor sobre todas as coisas, o entende sem dúvida neste mesmo sentido “ampliado”.

Além disso, em *Introdução do narcisismo* Freud (1914/1986c, p. 82) sugere: “[...] temos que começar a amar para não adoecermos e por certo adoeceremos se, em decorrência de uma frustração, não pudermos amar”. Por fim, em *Observações sobre o amor de transferência* (1914/1986d) o fundador da psicanálise nos lembra que, na clínica analítica, o amor é uma ferramenta de trabalho imprescindível⁹.

No entanto, alguns estudos que se fundamentam na teoria psicanalítica têm ido além da metapsicologia freudiana, quando se trata de pensar o amor na atualidade¹⁰. Em *O amor nos tempos de Narciso*, Izabel Rios insere-se na tradição instaurada pela releitura histórico-sociológica de *Introdução do narcisismo*, de Freud, realizada por Guy Debord, em *A sociedade do espetáculo*, e Christopher

Lasch, em *A cultura do narcisismo* – lançados em 1967 e 1979, respectivamente. Neste artigo, Rios (2008) sustenta que o narcisismo é um processo psíquico fundamental, não apenas no que concerne à constituição subjetiva, mas também no que tange à possibilidade de formação de laços intersubjetivos:

A experiência do encontro intersubjetivo e, mais ainda, do encontro amoroso, desejado e sonhado em verso e prosa, letra e música, depende de uma subjetividade construída nas bases de um eu que passou pela fase do narcisismo primário, dele saiu competente para a experiência da alteridade, e que se mantém e se reforça durante a vida em uma cultura que lhe ofereça modelos de sustentação da intersubjetividade. (RIOS, 2008, p. 422).

De acordo com a autora, o problema é que a cultura atual não oferece modelos de sustentação da intersubjetividade: “[...] vivemos em um mundo onde o encontro amoroso fracassa antes mesmo de se insinuar como tal porque as relações intersubjetivas estão em ruínas” (RIOS, 2008, p. 423). E isso porque nossa cultura é narcísica: “o modo de subjetivação que não transpõe o narcisismo no encontro intersubjetivo e, mais ainda, no encontro amoroso, tem marca registrada, nos tempos atuais” (RIOS, 2008, p. 424). Em uma cultura narcísica, forma-se uma subjetividade narcisista: “em um mundo de pessoas voltadas para si mesmas, encantadas consigo mesmas, hipocondríacas, obcecadas por seus corpos e mergulhadas na fantasia do prazer constante, o amor é um sentimento fraco, de uma ligação frouxa com o outro” (RIOS, 2008, p. 424). Em outras palavras, somos sujeitos individualistas ao extremo, para quem o outro é somente um dos objetos que consumimos:

Será que, diante do que temos, precisaremos nos contentar com o final “enfim só”, depois do shopping, da pizza com Coca-Cola na frente do computador ou do plasma da TV, e um comprimido de antidepressivo, duas vezes ao dia? (RIOS, 2008, p. 425).

Em *O amor nos tempos de Narciso*, algo crucial é enunciado, ainda que de um modo indireto. Parece que a metapsicologia freudiana é tramada com os fios de uma erótica que se encontra em processo de desagregação: a delineada em torno do amor romântico. Nessa erótica, a alteridade ou intersubjetividade consistiria em um organizador dos enlaces. Em contrapartida, na contemporaneidade os organizadores seriam outros. Aliás, não exatamente outros. Em certo sentido, seriam os mesmos, uma vez que a constituição subjetiva permaneceria oscilando entre o narcisismo e o amor objetal. A diferença fundamental não estaria do lado do sujeito, mas da sociedade. Se, no tempo de Freud, a cultura incitava o amor objetal – eventualmente, de um modo idealizado –, no nosso, ela excitaria sobretudo o amor narcísico. Não é o sujeito que adoce, é a civilização que está doente. Impossível não suspeitar de nostalgia!¹¹

Se uma erótica é uma moldura para o gozo (WEINMANN, 2016), isto é, se consiste em uma modalidade singular de circunscrever o pulsional elaborada por uma cultura, talvez seja possível dizer que *Último tango em Paris* – filme de Bernardo Bertolucci, lançado em 1972 – constitui-se em um ponto de irrupção de uma nova erótica. Antes do primeiro encontro no apartamento da rue Jules

Verne, Paul (Marlon Brando) e Jeanne (Maria Schneider) têm seus destinos cruzados. No início do filme, quando Paul grita: *fucking God!*, Jeanne está passando. Vemos o edifício da rue Jules Verne da perspectiva de Paul, há um corte e o enxergamos do ponto de vista de Jeanne. Quando ela entra na cabine telefônica, ele sai do *toilettes*.

No segundo encontro no apartamento da rue Jules Verne, Paul enuncia a regra fundamental desse relacionamento: “Você não tem nome e eu também não. Sem nomes, aqui! Nenhum nome”. Ela diz: “Você é louco!”. Ele: “Talvez, mas não quero saber nada a seu respeito. Não quero saber onde você vive, nem de onde você vem. [...] Iremos nos encontrar aqui sem saber nada do que acontece lá fora”. Jeanne: “Por quê?”. Paul: “Porque não precisamos de nomes aqui. [...] Esqueceremos tudo o que sabemos. Tudo! Todas as pessoas, tudo o que fazemos [...]”. A jovem: “Mas eu não posso! Você pode?”. O homem, já na meia-idade: “Não sei”.

Não é possível compreender a função desse interdito¹² sem nos reportarmos à famosa cena da manteiga – geralmente comentada a partir do que é visto, raramente a partir do que é dito. Paul pergunta se pode abrir a calça de Jeanne, se há joias ali escondidas – e a vira de costas, no colchão. Ela responde: “Não, mas pode haver segredos de família aí dentro”. Ele: “Segredos de família? Vou te falar sobre segredos de família. [...] Uma instituição sagrada, dita responsável por introduzir a virtude em selvagens”. E pede que ela repita com ele: “Sagrada família, igreja de bons cidadãos, as crianças são torturadas até aprenderem a mentir, onde somos esmagados pela repressão, onde a liberdade é assassinada [...]. Família, família fodida! (*fucking family!*, em ressonância com o *fucking God!*, do início)”.

Em *À meia-luz: cinema e sexualidade nos anos 70*, Menezes é preciso: Paul fere Jeanne sobretudo com o que diz – ela não opõe resistência à sodomia¹³. Nesse contexto, o sexo anal é o que escapa à norma reprodutiva. Agora é possível entender o interdito proposto por Paul: trata-se de desvincular sexo e família. Nomes, memórias, história – tudo isso indica uma filiação. *Último tango em Paris* consiste em um experimento ético. Em um espaço circunscrito – o apartamento da rue Jules Verne, em torno do qual se organiza o filme –, ensaia-se a suspensão das filiações, com o intuito de levar o gozo o mais longe possível. No entanto, isso não implica ausência de regra. O interdito sugerido por Paul tem também uma função formal. Ele assegura que há regra. No apartamento, a fantasia põe-se em ato, mas o experimento tem um limite: os contornos do próprio apartamento. No momento em que Paul transpõe esse limite e propõe a Jeanne um casamento, ele morre – não por acaso, com o quepe do coronel, pai dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível afirmar algo, categoricamente, sobre o amor na atualidade. Falta-nos distância histórica do domínio de estudo e, precisamente por isso, esse campo nos apresenta complexo, multifacetado, caleidoscópico, impossível de ordenar. Por esse motivo, este artigo desloca-se para um passado recen-

te: o início dos anos 1970. Se a erótica configurada em torno do feixe de ideais que compõe o amor romântico desintegra-se, outras florescem em seus interstícios. Aos psicanalistas compete inventar conceitos, a fim de pensar isso que desmonta as representações do amor que temos consolidadas. Tal é o convite que este artigo endereça a seus leitores.

NOTAS

¹ Penso que é nesse sentido que se deve entender o termo atual, nas elaborações freudianas acerca das neuroses atuais (WEINMANN, 2005).

² Todas as traduções de obras estrangeiras realizadas neste artigo são de minha responsabilidade.

³ Evidentemente, falta a Deus a salvação dos pecadores. Caso contrário, por que Ele a desejaria?

⁴ Opero com os conceitos *erasta* (amante) e *erômeno* (amado), extraídos de *O banquete*. Se, no primeiro, o amor é conjugado na voz ativa, no último, o é na voz passiva.

⁵ Rougemont (1988) articula amor cortês e catarismo, heresia que floresceu na Europa ocidental, ao longo do século XII. Nessa perspectiva, Pereira (2004, p. 179) comenta: “a relação amorosa cortês corria por fora da institucionalidade feudal, ela era herética. Ela negava a instituição política mais importante da ordem feudal, o matrimônio [...]”.

⁶ No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan (2008a, p. 137) diz que a sublimação “[...] eleva o objeto [...] à dignidade da Coisa”. Pouco adiante, o psicanalista define o amor cortês “[...] como uma obra da sublimação em seu mais puro alcance” (p. 154). Finalmente, o autor sugere que o amor da dama é elevado à condição de Coisa (*das Ding*), isto é, de objeto causa da poesia dos trovadores medievais.

⁷ Na contramão desse processo, em 1982 Foucault (2004, p. 122) proclamava: “é preciso inverter um pouco as coisas, e, mais do que dizer o que se disse em um certo momento: ‘Tentemos reintroduzir a homossexualidade na normalidade geral das relações sociais’, digamos o contrário: ‘De forma alguma! Deixemos que ela escape na medida do possível ao tipo de relações que nos é proposto em nossa sociedade, e tentemos criar no espaço vazio em que estamos novas possibilidades de relação’. Propondo um novo direito de relação, veremos que pessoas não homossexuais poderão enriquecer suas vidas modificando seu próprio esquema de relações”.

⁸ Em *Sem fraude, nem favor*, Jurandir Freire Costa realiza uma interessante leitura do amor romântico.

⁹ Em sintonia com Freud, Lacan (2008b, p. 89) assinala: “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico”.

¹⁰ Uma pergunta se impõe: quando começa a atualidade? Uma resposta possível: quando não encontramos referências para pensar o que está acontecendo.

¹¹ Uma instigante crítica da ideia de cultura narcísica, para se referir à contemporaneidade, é feita em *“No meu tempo não era assim” ou o que dizemos quando dizemos “sociedade do narcisismo”?*, de Bárbara Rocha, Camila Terra da Rosa e Rafaela Degani.

¹² Menezes (2001, p. 148) remonta esse interdito à biografia do protagonista: “[...] Paul tenta aniquilar radicalmente daquele espaço sua história, que entretanto não o larga [...]”. Este artigo não interpreta personagens.

¹³ Em diversas ocasiões, Maria Schneider denunciou que se sentiu estuprada por Marlon Brando, sob a direção de Bernardo Bertolucci. A cena de sexo anal não constava do roteiro do filme e não teve o consentimento da atriz. Isso é inadmissível! No entanto, convém lembrar que os registros fílmico e extrafílmico são distintos. Este artigo tem como foco apenas o registro fílmico.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BERGER, L. **Amor em tempos de hiperconsumo**. Monografia (Especialização em Atendimento Clínico: ênfase em Psicanálise). Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- BURIDANT, C. Introdução. In: CAPELÃO, A. **Tratado do amor cortês**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. IX-LXXV.
- CAPELÃO, A. **Tratado do amor cortês**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- COSTA, J. F. **Sem fraude, nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- FOUCAULT, M. O que são as Luzes? In: **Ditos e escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 335-351.
- _____. O triunfo social do prazer sexual: uma conversa com Michel Foucault. In: **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 119-125.
- FREUD, S. (1927) **El porvenir de una ilusión**. In: _____. Sigmund Freud obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1986a. v. XXI. p. 1-55.
- _____. (1921) **Psicología de las masas y análisis del yo**. In: _____. Sigmund Freud obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1986b. v. XVIII. p. 63-136.
- _____. (1914) **Introducción del narcisismo**. In: _____. Sigmund Freud obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1986c. v. XIV. p. 65-98.
- _____. (1914) **Puntualizaciones sobre el amor de transferencia**. In: _____. Sigmund Freud obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1986d. v. XII. p. 159-176.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- LACAN, J. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.
- _____. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.
- _____. **O seminário, livro 8: a transferência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

ARTIGO

MATTUELLA, L. Uma época sem nome: sobre a tautologia do tempo perdido. In: SÖHNGEN, C.; PANDOLFO, A. (orgs.). **Encontros entre direito e literatura: ética, estética e política II**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p. 89-104.

MENEZES, P. **À meia-luz: cinema e sexualidade nos anos 70**. São Paulo: Editora 34, 2001.

PLATÃO. **O banquete**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

PEREIRA, N. **História de amor na pedagogia freiriana**. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

RIOS, I. O amor nos tempos de Narciso. **Interface**, v. 12, n. 25, p. 421-426, 2008.

ROCHA, B.; ROSA, C.; DEGANI, R. “No meu tempo não era assim” ou o que dizemos quando dizemos “sociedade do narcisismo”. In: Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (org.). **Para uma introdução ao narcisismo: reflexo e reflexões**. Porto Alegre: IPSDP, 2014. p. 206-219.

ROUGEMONT, D. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

WEINMANN, A. Quando o simbólico falha em recobrir o somático: um estudo das neuroses atuais, em Freud. **Pulsional: revista de psicanálise**, v. 18, n. 182, p. 74-85, 2005.

_____. Os limites de uma erótica: sobre *O império dos sentidos*. In: GUAZZELLI, C.; QUINSANI, R. (orgs.). **Clio e Eros no escurinho do cinema**. São José dos Pinhais: Estronho, 2016.

